NO JARDIM DAS FERAS

ERIK LARSON

NO JARDIM DAS FERAS

Intriga e sedução na Alemanha de Hitler

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS

intrínseca

Copyright © Erik Larson 2011

TÍTULO ORIGINAL
In the Garden of Beasts

PREPARAÇÃO
Clara Diament

REVISÃO
Milena Vargas
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
Editoriarte

DESIGN DE CAPA
Whitney Cookman

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

FOTO DE CAPA
@ The Art Archive/Marc Charmet

FOTO DO AUTOR
Benjamin Benschneider

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L344j

Larson, Erik
No jardim das feras: intriga e sedução na Alemanha de Hitler / Erik Larson; tradução de Berilo Vargas. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

448p.
Tradução de: In the garden of beasts : love, terror, and an American family in Hitler's Berlin
ISBN 978-85-8057-177-6

1. Dodd, William Edward, 1869-1940. 2. Diplomatas - Estados Unidos – Biografia. 3. Historiadores – Estados Unidos – Biografia. 4. Alemanha – Condições sociais – 1933-1945. I. Título.

12-1670. CDD: 943.086
CDU: 94(43)"1933/1945"

[2012]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para as meninas, e os próximos vinte e cinco
(e em memória de Molly, uma boa cadela)

SUMÁRIO

Das Vorspiel *11*

O homem por trás da cortina *15*

PARTE I **Mato adentro 19**

PARTE II **Procurando uma casa no Terceiro Reich 63**

PARTE III **Lúcifer no jardim 99**

PARTE IV **Como dói o esqueleto 159**

PARTE V **Apreensão 211**

PARTE VI **Berlim ao anoitecer 265**

PARTE VII **Quando tudo mudou 303**

EPÍLOGO **O estranho pássaro no exílio 357**

CODA **"Conversa à mesa" 365**

Fontes e agradecimentos *367*

Notas *377*

Créditos das fotos *421*

Bibliografia *423*

Índice *435*

No meio da jornada de nossa vida, me vi perdido numa floresta escura, longe do caminho verdadeiro.

Dante Alighieri
A divina comédia: Canto I

Das Vorspiel

Prelúdio; abertura; prólogo, partida preliminar; preliminares (ao ato sexual); performance; apresentação; audição; das ist erst das Vorspiel — *isto é só o começo.*

Collins German Unabridged Dictionary

Era uma vez, na alvorada de uma época muito sombria, dois americanos, pai e filha, que de repente se viram transportados de sua confortável casa em Chicago para o coração da Berlim de Hitler. Ali permaneceram por quatro anos e meio, mas é o primeiro deles que serve de assunto para a história contada a seguir, pois a data coincide com a ascensão de Hitler de chanceler a tirano absoluto, quando tudo era precário e instável, e nada era certo. Aquele primeiro ano foi uma espécie de prólogo, no qual foram apresentados todos os temas da grande epopeia de guerra e assassinatos que estava por vir.

Sempre tive curiosidade de saber o que sentiria um estrangeiro que testemunhasse em primeira mão a formação das trevas do domínio de Hitler. Que aspecto tinha a cidade, o que se ouvia, via e cheirava, e como diplomatas e outros visitantes interpretavam os eventos à sua volta? A visão que se tem hoje é a de que, durante aquele período delicado, o curso da história poderia ter sido facilmente alterado. Por que, então, ninguém o fez? Por que se levou tanto tempo para reconhecer o perigo real representado por Hitler e seu regime?

Como a maioria das pessoas, formei minha ideia inicial daqueles tempos a partir de livros e fotografias que me davam a impressão de que o mundo de então não tinha cor, apenas variações de preto e cinza. Meus dois protagonistas, entretanto, depararam com a realidade em carne e osso, ao mesmo tempo que viviam a rotina das obrigações da vida diária. Todas as manhãs, caminhavam por uma cidade repleta de imensas bandeiras em vermelho, branco e preto;

sentavam-se em cafés ao ar livre também frequentados por esguios integrantes das SS em seus uniformes pretos e, de vez em quando, vislumbravam o próprio Hitler, um homem pequeno num grande Mercedes conversível. Mas também passavam todos os dias por casas cujas sacadas exibiam exuberantes gerânios vermelhos; faziam compras nas vastas lojas de departamento da cidade; ofereciam chá aos amigos e respiravam com volúpia as fragrâncias de primavera do Tiergarten, o principal parque de Berlim. Conheceram socialmente Goebbels e Göring, com quem jantavam, dançavam e gracejavam — até que, ao fim do primeiro ano, ocorreu um evento que se mostraria altamente significativo, por revelar o verdadeiro caráter de Hitler e por lançar a pedra fundamental da década seguinte. Para o pai e para a filha, aquilo mudou tudo.

Esta é uma obra de não ficção. Como é de hábito, tudo o que estiver entre aspas provém de carta, diário, texto biográfico ou outro documento histórico. Nestas páginas, não fiz o menor esforço para escrever outra grandiosa história daquela época. Meu objetivo era mais intimista: revelar aquele mundo do passado por meio das experiências e percepções de meus dois personagens principais, pai e filha, que, ao chegarem a Berlim, embarcaram numa viagem de descoberta, de transformação e, finalmente, do mais profundo desgosto.

Não há heróis aqui, pelo menos daquela variedade que figura em *A lista de Schindler*, mas há lampejos de heroísmo e pessoas que se comportam com inesperada elegância. Há sempre nuances, embora por vezes tenham natureza perturbadora. Este é o problema da não ficção. É preciso deixar de lado aquilo que todos nós — *agora* — sabemos ser verdade e tentar seguir meus dois inocentes pelo mundo tal qual o conheceram.

Eram pessoas complicadas, movimentando-se numa época complicada, antes que os monstros revelassem sua verdadeira natureza.

Erik Larson
Seattle

1933

O homem por trás da cortina

Era comum que os expatriados americanos visitassem o consulado dos Estados Unidos em Berlim, mas não na condição exibida pelo homem que ali chegou em 29 de junho de 1933, uma quinta-feira.[1] Tratava-se de Joseph Schachno, de 31 anos, médico de Nova York que até recentemente praticara a profissão num subúrbio de Berlim. Agora estava nu, em uma das salas de exame guarnecidas de cortinas do primeiro piso do consulado, onde em dias mais corriqueiros um médico do serviço de saúde pública examinava candidatos em busca de visto para emigrar para os Estados Unidos. A maior parte do corpo de Schachno teve a pele esfolada.

Dois funcionários consulares chegaram e entraram na sala de exames. Um deles era George S. Messersmith, cônsul-geral dos Estados Unidos na Alemanha desde 1930 (nenhum parentesco com Wilhelm "Willy" Messerschmitt, o engenheiro aeronáutico alemão). Como mais alta autoridade do Serviço de Relações Exteriores em Berlim, Messersmith supervisionava os dez consulados americanos localizados nas cidades alemãs. Estava acompanhado do vice-cônsul, Raymond Geist. Normalmente, Geist era frio e imperturbável, o subalterno ideal, mas Messersmith percebeu que naquele dia ele parecia pálido e profundamente abalado.

Ambos ficaram horrorizados com o estado de Schachno. "Do pescoço aos calcanhares, era uma massa em carne viva", observou Messersmith.[2] "Foi chicoteado de todas as formas possíveis, até ficar em carne viva e sangrando. Dei uma olhada e encaminhei-me o mais depressa possível para a pia em que [o médico] lavava as mãos."

Messersmith descobriu que a surra ocorreu nove dias antes, mas as feridas continuavam abertas. "Das escápulas aos joelhos, ainda havia marcas de chicotadas nove dias depois, mostrando que ele tinha apanhado dos dois lados. As nádegas estavam praticamente em carne viva, com grandes áreas ainda sem pele. Em alguns lugares, a carne fora praticamente reduzida a uma massa."[3]

Se as feridas estavam assim nove dias depois, pensou Messersmith, qual seria sua aparência logo depois de levar as chicotadas?

A história veio à tona.

Na noite de 21 de junho, Schachno recebera a visita de um pelotão de homens fardados em resposta a uma denúncia anônima, segundo a qual o médico seria um inimigo em potencial do Estado. Os homens fizeram uma busca e, apesar de não encontrarem nada, levaram-no para seu quartel-general. Schachno recebeu ordem para tirar a roupa e foi imediatamente submetido por dois homens a uma severa e prolongada surra de chicote. Depois, foi liberado. Conseguiu, de alguma forma, voltar para casa e, em seguida, ele e a mulher fugiram para a residência da sogra, no centro de Berlim. Ficou de cama durante uma semana. Logo que pôde, procurou o consulado.

Messersmith deu ordem para que ele fosse levado a um hospital e, naquele dia, emitiu-lhe um novo passaporte americano. Logo depois, Schachno e a mulher fugiram para a Suécia e, de lá, para os Estados Unidos.

Ocorriam episódios de surras e prisões de cidadãos americanos desde que Hitler fora designado chanceler, em janeiro, mas nada tão grave quanto aquilo — apesar de milhares de cidadãos alemães terem recebido tratamento igualmente severo, por vezes até pior. Para Messersmith, era mais um indício da realidade da vida sob Hitler. Ele compreendia que toda aquela violência representava mais do que um espasmo passageiro de atrocidade. Algo fundamental tinha mudado na Alemanha.

Messersmith compreendia, mas tinha certeza de que pouca gente nos Estados Unidos compartilhava sua opinião. Perturbava-o cada vez mais a dificuldade de convencer o mundo da magnitude da ameaça de Hitler. Estava perfeitamente claro para ele que o chanceler, de forma secreta e agressiva, preparava a Alemanha para uma guerra de conquista. "Eu gostaria que fosse possível fazer nosso povo compreender", escreveu ele num despacho de junho de 1933 para o Departamento de Estado, "pois acho que é preciso entender que esse espírito marcial está se desenvolvendo de forma inquestionável na Alemanha.[4] Se este governo continuar no poder por mais um ano e se mantiver nessa direção, ele contribuirá em muito para tornar a Alemanha um perigo para a paz mundial pelos anos vindouros."

E acrescentou: "Com raras exceções, os homens que comandam este governo têm uma mentalidade que vocês e eu não conseguimos compreender. Alguns são verdadeiros psicopatas e em qualquer outro lugar estariam sob tratamento."

Mas ainda não havia um embaixador americano residente na Alemanha. O anterior, Frederic M. Sackett, partira em março, depois da posse de Franklin D. Roosevelt como presidente dos Estados Unidos. (O dia da posse foi em 4 de março de 1933).[5] Durante quase quatro meses, o posto ficou vago, e o novo titular não deveria chegar antes que se passassem mais três semanas. Messersmith não o conhecia pessoalmente, e dele sabia apenas o que ouvira de seus muitos contatos no Departamento de Estado. Mas estava certo de que o novo embaixador mergulharia num caldeirão de brutalidade, corrupção e fanatismo, e precisava ser um homem de caráter forte, capaz de projetar a influência e o poder americanos, pois o poder era a única linguagem que Hitler e seus homens entendiam.

Entretanto, dizia-se que o novo homem era um tipo despretensioso que prometera levar uma vida modesta em Berlim, em solidariedade a seus compatriotas empobrecidos pela Depressão. Por incrível que parecesse, o futuro embaixador estava despachando seu próprio automóvel para Berlim — um velho e surrado Chevrolet — a fim de ressaltar sua frugalidade.[6] Isso numa cidade em que os homens de Hitler dirigiam gigantescos carros negros, cada um quase do tamanho de um ônibus urbano.

PARTE I

Mato adentro

Os Dodd chegam a Hamburgo

CAPÍTULO 1

Meio de fuga

O telefonema que mudou para sempre a vida da família Dodd, de Chicago, veio ao meio-dia de 8 de junho de 1933, uma quinta-feira, quando William E. Dodd estava sentado à sua mesa na Universidade de Chicago.[1]

Diretor do Departamento de História, ele era professor na universidade desde 1909, reconhecido nacionalmente por sua obra sobre o Sul dos Estados Unidos e pela biografia de Woodrow Wilson. Aos 64 anos, com 1,72 metro de altura, olhos azul-acinzentados e cabelo castanho-claro, Dodd estava em boa forma. Embora seu rosto tendesse a dar uma impressão de severidade, a rigor ele era espirituoso, irônico, e tinha um senso de humor afiado. Casado com Martha, que todos conheciam como Mattie, tinha dois filhos, ambos na casa dos vinte anos. A filha, também chamada Martha, estava com 24; o filho, William Jr. — Bill —, com 28.

Tudo indica que formavam uma família feliz e unida. Longe de serem ricos, tinham uma vida confortável, apesar da depressão econômica que então subjugava o país. Viviam numa grande casa, na Blackstone Avenue, 5.757, no bairro de Hyde Park, em Chicago, a poucos quarteirões da universidade. Dodd também era proprietário de uma pequena fazenda, da qual cuidava durante o verão, em Round Hill, Virgínia. De acordo com registros do condado, tinha 158 hectares, "mais ou menos", e era onde Dodd, democrata jeffersoniano do primeiro time, sentia-se mais em casa, andando entre suas novilhas Guernsey; seus quatro cavalos castrados, Bill, Coley, Mandy e Prince; seu trator Farmall; e seus arados Syracuse puxados a cavalo.[2] Ele preparava café numa lata de Maxwell House sobre o velho fogão a lenha. A mulher não apreciava o lugar na mesma medida, e ficava

muito feliz quando ele ia passar temporadas sozinho no local, enquanto o restante da família permanecia em Chicago. Dodd deu à fazenda o nome de Stoneleigh, por causa das rochas espalhadas pela vastidão, e falava dela do jeito que outros homens falam do primeiro amor. "Os frutos são tão lindos de se ver, quase perfeitos, vermelhos e suculentos, as árvores ainda curvadas sob seu peso", escreveu ele, uma bela noite, durante a colheita de maçãs.[3] "Tudo isso me encanta."

Apesar de não ser, em geral, dado a clichês, Dodd descreveu o telefonema como uma "surpresa que caiu do céu".[4] Mas havia nisso algum exagero. Nos meses anteriores, seus amigos vinham comentando que a qualquer hora receberia uma ligação como aquela. O que o deixou surpreso e perturbado foi a natureza precisa da chamada.

JÁ FAZIA ALGUM TEMPO que Dodd estava insatisfeito com seu posto na universidade. Embora adorasse ensinar história, gostava ainda mais de escrevê-la, e trabalhava, havia anos, naquilo que esperava ser o relato definitivo dos primórdios da história do Sul, uma série de quatro volumes chamada *The Rise and Fall of the Old South* (Ascensão e queda do velho Sul). Com frequência, porém via seu progresso frustrado pelas demandas do emprego. Apenas o primeiro volume estava próximo da conclusão, e ele chegara a uma idade em que temia ser enterrado junto com o trabalho incompleto. Negociara um horário reduzido com o departamento, mas, como costuma acontecer com esses arranjos artificiais, não havia funcionado como ele esperava. A saída de pessoal e as pressões financeiras dentro da universidade, relacionadas à Depressão, faziam-no trabalhar tanto quanto antes. Tinha que lidar com funcionários, preparar palestras e atender às necessidades avassaladoras dos estudantes de pós-graduação. Numa carta para o Departamento de Prédios e Terrenos da universidade, datada de 31 de outubro de 1932, ele suplicava que seu escritório fosse aquecido aos domingos, para que pudesse dedicar pelo menos um dia da semana a seus escritos interrompidos.[5] A um amigo, descreveu sua posição como "constrangedora".[6]

Além disso, ele achava que deveria ter avançado mais na carreira, e isso aumentava sua insatisfação. O que o impedira de ir mais longe e mais depressa, queixava-se à mulher, fora o fato de não ter sido criado em condições privilegiadas e, pelo contrário, ter sido obrigado a trabalhar muito para chegar até ali, diferentemente de outros da sua área, que tinham progredido com mais rapidez. De fato, ele alcançara aquela posição na vida da maneira mais difícil.

Nascido em 21 de outubro de 1869, na casa dos pais no pequeno vilarejo de Clayton, na Carolina do Norte, Dodd veio ao mundo como parte do estrato inferior da sociedade branca sulista, que ainda observava as convenções de classe de antes da Guerra Civil. O pai, John D. Dodd, era um agricultor de subsistência que mal sabia ler; a mãe, Evelyn Creech, descendia de uma linhagem mais nobre da Carolina do Norte, e era criticada por ter se casado com alguém de posição social inferior. O casal cultivava algodão em terra cedida pelo pai de Evelyn e mal conseguia ter o suficiente para sobreviver. Nos anos que se seguiram à Guerra Civil, com o grande aumento da produção de algodão e a consequente queda dos preços, a família endividou-se cada vez mais no armazém da cidade, de propriedade de um parente de Evelyn que era um dos três homens mais importantes de Clayton — "homens duros", como dizia Dodd: "(...) comerciantes e senhores aristocráticos de seus dependentes!"[7]

Dodd era um entre sete filhos e passou a juventude trabalhando nas terras da família. Apesar de considerar honrado aquele trabalho, não queria passar o resto da vida como agricultor, e reconhecia que a única forma de um homem de origem humilde driblar o destino era adquirindo instrução. Lutou para abrir seu caminho, por vezes concentrando-se com tal empenho nos estudos que os colegas o apelidaram de "Monge Dodd".[8] Em fevereiro de 1891, ingressou na Faculdade Agrícola e Mecânica da Virgínia (posteriormente conhecida como Virginia Tech). Ali também foi uma presença sóbria, concentrada. Outros alunos entregavam-se a brincadeiras como pintar a vaca do reitor da faculdade e encenar duelos falsos para convencer os calouros de que tinham matado os adversários.[9] Dodd só estudava. Obteve o diploma de bacharel em 1895 e o mestrado em 1897, aos 26 anos.

Encorajado por um respeitado professor, e com o empréstimo de um bondoso tio-avô, Dodd partiu em junho de 1897 para a Alemanha, para a Universidade de Leipzig, a fim de iniciar um curso de doutorado. Levou sua bicicleta. Decidiu concentrar sua dissertação na figura de Thomas Jefferson, apesar da óbvia dificuldade de encontrar documentos americanos do século XVIII na Alemanha. Dodd fez tudo o que era preciso fazer em sala de aula e descobriu arquivos de materiais relevantes em Londres e Berlim. Além disso, viajou muito, quase sempre de bicicleta, cada vez mais espantado com a atmosfera de militarismo que impregnava o país. A certa altura, um de seus professores preferidos propôs uma discussão sobre o tema "Até que ponto os Estados Unidos ficariam indefesos se fossem invadidos por um grande exército alemão?".[10]

Essa belicosidade prussiana incomodava Dodd, que escreveu: "Havia uma predisposição excessiva para a guerra em toda parte."[11]

Dodd voltou para a Carolina do Norte no final do outono de 1899 e, depois de meses de procura, conseguiu emprego como professor na Faculdade Randolph-Macon, em Ashland, Virgínia.[12] Também retomou sua amizade com a jovem Martha Johns, filha de um abastado proprietário de terras que vivia perto da cidade natal de Dodd. A amizade desabrochou em romance e, na véspera do Natal de 1901, eles se casaram.

Em Randolph-Macon, Dodd logo se meteu em encrenca. Em 1902, publicou um artigo no *Nation* atacando a bem-sucedida campanha movida pelo Grand Camp of Confederate Veterans (Associação de Veteranos da Guerra Civil) para banir da Virgínia um livro didático de história que seus integrantes consideravam uma afronta à honra sulista. Dodd acusou os veteranos de acreditarem que as únicas versões válidas da história eram aquelas que afirmavam que o Sul "estava totalmente certo em querer se separar da União".

A reação foi violenta e imediata. Um advogado de destaque no movimento dos veteranos lançou uma campanha para expulsar Dodd de Randolph-Macon. A faculdade deu total apoio a Dodd. Um ano depois, ele voltou a atacar os veteranos, dessa vez num discurso perante a Sociedade Histórica Americana, no qual condenava seus esforços para "tirar das escolas todos os livros que não correspondam a seu modelo de patriotismo local". Afirmou com veemência que "ficar calado era completamente impossível para um homem forte e honesto".

A importância de Dodd como historiador cresceu, assim como sua família. O filho nasceu em 1905; a filha, em 1908. Reconhecendo que precisava de um aumento de salário e que as pressões de seus inimigos sulistas não diminuiriam, Dodd candidatou-se a um cargo na Universidade de Chicago. Conseguiu o emprego e, no frígido janeiro de 1909, aos 39 anos, ele e a família partiram para a cidade, onde permaneceriam pelos 25 anos seguintes. Em outubro de 1912, sentindo a influência de suas raízes e a necessidade de estabelecer sua própria credibilidade como genuíno democrata jeffersoniano, comprou a fazenda.[13] O penoso trabalho que tanto o desgastara na infância agora se tornava uma diversão capaz de redimir a alma e um romântico retorno ao passado americano.

Ele descobriu também que tinha um interesse duradouro pela vida política, despertado em agosto de 1916, quando se viu no Salão Oval da Casa Branca

para um encontro com o presidente Woodrow Wilson.[14] O episódio, segundo um biógrafo, "alterou profundamente sua vida".

Dodd sentia-se profundamente incomodado com os sinais de que os Estados Unidos se inclinavam cada vez mais a intervir na Grande Guerra que estava sendo travada na Europa. Sua experiência em Leipzig não lhe deixara dúvida de que a Alemanha tinha sido a única responsável pela guerra, para satisfazer os anseios de seus industriais e aristocratas, os *Junkers*, que ele comparava à aristocracia sulista de antes da Guerra Civil americana. Agora via a mesma soberba despontar nas elites industriais e militares dos Estados Unidos. Quando um general do exército tentou incluir a Universidade de Chicago numa campanha nacional destinada a preparar o país para a guerra, ele empinou o nariz e foi queixar-se diretamente ao comandante em chefe.

Queria apenas dez minutos do tempo de Wilson, mas conseguiu bem mais, e ficou encantado como se tivesse tomado uma poção mágica num conto de fadas. Passou a achar que Wilson tinha razão ao defender a intervenção norte-americana na guerra. Para Dodd, Wilson tornou-se a encarnação moderna de Thomas Jefferson. Nos sete anos seguintes, os dois tornaram-se amigos; Dodd escreveu a biografia do presidente. Quando Wilson morreu, em 3 de fevereiro de 1924, Dodd mergulhou em luto profundo.

Com o tempo, passou a ver em Franklin Roosevelt um homem à altura de Wilson e participou ativamente de sua campanha à presidência em 1932, falando e escrevendo em sua defesa sempre que tinha oportunidade. Mas, se tinha esperança de tornar-se membro do círculo mais próximo de Roosevelt, logo ficou desapontado, preso às obrigações acadêmicas cada vez menos satisfatórias.

ELE AGORA ESTAVA COM 64 anos, e a forma que encontrara de deixar uma marca no mundo era contar a história do velho Sul, que também era algo que todas as forças do Universo pareciam determinadas a impedir, incluindo a política da universidade de não ligar o aquecimento nos prédios aos domingos.

Estava cada dia mais decidido a trocar a universidade por algum cargo que lhe deixasse tempo livre para escrever, "antes que seja tarde demais".[15] E ocorreu-lhe a ideia de que o emprego ideal talvez fosse um posto não muito exigente no Departamento de Estado, quem sabe como embaixador em Bruxelas ou Haia. Ele se julgava suficientemente conhecido para ser considerado, apesar de sua tendência a se imaginar muito mais influente em assuntos nacionais do

que de fato era. Escrevera com frequência a Roosevelt para dar conselhos sobre questões econômicas e políticas, antes e imediatamente depois de sua vitória. E com certeza irritou-se ao receber da Casa Branca, logo depois da eleição, uma resposta-padrão declarando que, embora o desejo do presidente fosse responder de imediato à totalidade das cartas que chegavam ao seu gabinete, seria impossível cuidar de todas pessoalmente em tempo oportuno, por isso pedira a seu secretário que o fizesse.

Dodd tinha, porém, bons amigos que eram íntimos de Roosevelt, incluindo o novo secretário de Comércio, Daniel Roper. Os filhos de Dodd eram para Roper como sobrinhos, suficientemente chegados para que Dodd não sentisse nenhum pudor em usar o rapaz como intermediário e perguntar se o novo governo acharia adequado designá-lo para um posto na Bélgica ou na Holanda. "São postos onde o governo precisa ter alguém, mas o trabalho não é cansativo", disse Dodd ao filho.[16] E confessou que o que realmente desejava era terminar sua obra sobre o velho Sul. "Não quero nenhuma nomeação de Roosevelt, mas estou muito preocupado em não falhar num projeto de vida."

Em suma, Dodd queria uma sinecura, um emprego que não lhe exigisse demais, mas lhe rendesse respeito, um bom salário e, o mais importante, tempo suficiente para escrever — isso apesar de reconhecer que a função de diplomata não combinava muito bem com o seu caráter. "No que diz respeito à alta diplomacia (Londres, Paris, Berlim), não é para mim," escreveu à mulher no começo de 1933.[17] "Isso me aflige por sua causa. Simplesmente não sou do tipo dissimulado, de duas caras, tão necessário para a tarefa de 'mentir lá fora em nome do país'. Se eu fosse, poderia ir a Berlim e ajoelhar-me diante de Hitler — e reaprender alemão." Mas, acrescentou, "por que perder tempo com esse assunto? Quem desejaria viver em Berlim pelos próximos quatro anos?".

Fosse devido à conversa do filho com Roper ou a outra combinação de forças, o fato é que logo se cogitou o nome de Dodd. Em 15 de março de 1933, durante uma temporada em sua fazenda na Virgínia, ele passou por Washington para conversar com o novo secretário de Estado de Roosevelt, Cordell Hull, com quem estivera em várias ocasiões. Hull era alto e grisalho, com covinha no queixo e maxilares fortes.[18] Por fora, parecia a encarnação de tudo o que um secretário de Estado devia ser, mas aqueles que o conheciam melhor sabiam que, quando se zangava, tinha a não diplomática e pouco política tendência a verter torrentes de impropérios. Tinha um defeito de fala que transformava seus erres em dáblius, como o personagem de desenho animado

Hortelino Troca-Letras — traço de que Roosevelt de vez em quando zombava, como quando se referiu aos seus "*twade tweaties*" (*trade treaties*, tratados comerciais). Hull, como sempre, tinha quatro ou cinco lápis vermelhos no bolso da camisa, sua ferramenta predileta para assuntos de Estado. Aventou a possibilidade de uma nomeação para a Holanda ou para a Bélgica, exatamente o que Dodd pretendia. Mas agora, obrigado de repente a imaginar a realidade diária desse tipo de vida, ele hesitava. "Depois de considerável exame da situação", escreveu Dodd em seu pequeno diário de bolso, "eu disse a Hull que não poderia aceitar o cargo."[19]

Mas seu nome continuou em circulação.

E, naquela quinta-feira de junho, seu telefone pôs-se a tocar. Quando levou o fone ao ouvido, escutou uma voz que reconheceu de imediato.